Capítulo VII — Evangelização apostólica da China, da Índia e dos países vizinhos (continuação)

> **Sumário.** Palavras do bispo Doroteu. — Liturgias dos Jacobitas e dos Nestorianos. — O Breviário romano. — O Breviário caldeu de Malabar. — Sete metropolitas na China. — Inscrição de Si-Ngan-Fou. — Anedota. — O cristianismo na China no século XIV.

A Índia e a China pertencem ao mesmo continente asiático. Ainda hoje, numerosas relações de comércio ligam entre si essas duas vastas regiões e os países intermediários. Os acontecimentos importantes que se passavam numa não podiam ser por muito tempo ignorados da outra. De todos os acontecimentos, o mais extraordinário, sem contradição, era a pregação do Evangelho, acompanhada de milagres brilhantes e numerosos.

O ministro dessa pregação era são Tomé, que anunciava altamente a doutrina do SANTO por excelência, cuja vinda a China esperava por essa época. Que são Tomé tenha sido o apóstolo das Índias, nada é mais certo. Narrando as viagens dos apóstolos, o bispo Doroteu, nascido em 254, fala assim de são Tomé:

> *O apóstolo Tomé, tendo anunciado o Evangelho aos Partos, aos Medos, aos Persas, aos Germânios (povo agricultor da Pérsia), aos Bactrianos e aos Magos, sofre o martírio em Calamita, cidade da Índia.*[1]

As liturgias dos Jacobitas e dos Nestorianos, que remontam aos primeiros séculos, perpetuam a lembrança do apostolado de são Tomé na Índia e na alta Ásia. Para a festa de são Tomé, 3 de julho, o ofício siríaco dos Jacobitas exprime-se assim:

> *Tomé, cuja memória celebramos hoje, tendo sido enviado às Índias pelo Senhor... obteve a coroa do martírio.*

Lê-se no dos Nestorianos:

> *Graças à vossa pregação, ó Tomé, os Indianos aspiraram o perfume da vida e, depois de abandonarem os costumes da gentilidade, fizeram florescer entre si o pudor.*

Confirmando o testemunho das liturgias orientais, o Breviário romano diz:

> *O apóstolo Tomé, chamado Dídimo, galileu de origem, pregou o evangelho de Cristo em grande número de províncias. Anunciou a fé aos Partos, aos Medos, aos Persas, aos Hircânios e aos Bactrianos. Enfim, foi ter com os Indianos e instruiu-os na religião cristã.*

Apóstolo das Índias e dos países vizinhos da China — a Pártia, a Média, a Pérsia —, são Tomé o foi também do império chinês. Como admitir que, estando nos confins desse imenso país, não tenha nele penetrado? Aliás, não se esqueça, a China fazia parte do império persa. Contrária à razão, tal suposição o é ainda à história. A prova está no antigo Breviário caldeu da Igreja de Malabar. Uma das lições do segundo noturno do ofício de são Tomé contém as palavras seguintes:

> *Por são Tomé, o erro idolátrico foi dissipado nas Índias.*[2]

> *Por são Tomé, os Chineses e os Etíopes foram convertidos à verdade.*

> *Por são Tomé, receberam o batismo. Creram e confessaram o Pai, o Filho e o Espírito Santo.*

> *Por são Tomé, o reino dos céus subiu até a China.*

Acrescentemos ainda esta antífona do mesmo ofício:

> *Os Indianos, os Chineses e os outros habitantes das ilhas oferecem suas adorações ao vosso santo nome, em memória de são Tomé.*[3]

No começo do século V, encontram-se já, o que mal se encontraria alhures na mesma época, oito metropolitas estabelecidos na China e nas províncias intermediárias entre a China e as Índias. A criação de tal número de metrópoles supõe evidentemente igrejas solidamente constituídas e florescentes, o que só pode dar-se após um lapso de tempo considerável: nova prova da tradição que faz remontar a são Tomé a evangelização da China.

Como o infatigável apóstolo passara das Índias à China, os metropolitas da Índia tomavam o título de metropolitas da Índia e da China. Na chegada dos Portugueses, os bispos de Malabar ainda assinavam: *«Tiago, José, metropolita de toda a Índia e da China.»* Com efeito, o motivo da prioridade das sedes é tirado da prioridade do tempo em que viveram os que as fundaram.[4]

As igrejas da Índia e da China, ambas filhas de são Tomé, permaneciam unidas; mas a igreja da China era a caçula, daí o que se lê nos cânones sinodais da igreja indiana:

> *Os metropolitas da China e de Samarcanda..., que estão muito distantes e impedidos de passar como quereriam por montanhas altíssimas e mares tempestuosos, enviarão de seis em seis anos cartas de comunhão ao patriarca das Índias.*[5]

Como as outras partes do globo, a China foi, pois, iluminada pelos primeiros raios do Sol de justiça. Durante muito tempo a fé, mais ou menos alterada em seguida pelos Nestorianos, conservou-se florescente nesse vasto império. A Providência permitiu que se encontrasse a prova disso na célebre inscrição de SI-NGAN-FOU, descoberta em 1623.[6]

Essa inscrição foi várias vezes traduzida e doutamente comentada. É muito longa e muito interessante. Citaremos apenas a passagem que se refere diretamente ao nosso estudo.

> *O grande imperador Kao-Tsong (subido ao trono em 650) seguiu respeitosamente as pegadas de seus antepassados. Fecundou a verdade, deu-lhe brilho e fez erguer templos luminosos*[7] *em todas as províncias. Cumulou Olopen*[8] *de novos títulos e instituiu-o guardião do império e senhor da grande Lei. A fé foi assim difundida nas dez vias.*[9] *O império teve germes fecundos de grande felicidade. Os templos encheram cem cidades, e as famílias foram enriquecidas de admirável ventura.*

Tal era o estado florescente do cristianismo na China em meados do século VII.

Aqui encontra lugar um pormenor interessante, relativo à célebre inscrição; devemo-lo a um bispo missionário no país. Diante do pagode junto ao qual foi achada a inscrição, erguem-se duas altas colunas de pedra, cuja origem se perde na antiguidade. Segundo a tradição local, ninguém conseguira subir ao topo dessas colunas. Todos os que o tentaram foram derrubados e se mataram ou ficaram gravemente feridos.

Esse fato singular chegou ao conhecimento de Mons. Rizzolati, que declarou querer tentar a subida.

> *De duas coisas uma, dizia ele: ou é o demônio que derruba os que sobem, ou a queda deles resulta de falta de precaução. Se é imprudência, saberei tomar as minhas medidas; se é o demônio, vim para combatê-lo e sou mais forte que ele.*

Os cristãos, assustados, procuram dissuadir o bispo de seu projeto. Ele mesmo consulta o subprefeito da cidade, que lhe suplica que não se exponha a uma queda certa. O prelado insiste, e o magistrado pagão lhe dá a autorização pedida, mas eximindo-se de qualquer responsabilidade.

Chegado o dia, e reunido todo o povo, o bispo exorciza as colunas, manda colocar uma escada e chega sem acidente ao topo da primeira coluna, depois ao da segunda. O espanto dos pagãos iguala a felicidade dos cristãos: ambos são imensos.

As colunas estavam cobertas de largos capitéis de pedra. Por ordem do prelado, trazem-se mais três escadas, e três catequistas vão juntar-se ao bispo, fraco demais para levantar os pesados capitéis. Deslocam-nos e veem que as colunas são ocas: e que se encontra na abertura? Paramentos sacerdotais muito bem conservados: prova irrefragável da existência do cristianismo no celeste império no século VII.

O demônio, que tinha o maior interesse em apagar a lembrança disso, tornara impossível a subida.[10]

No século XIV, encontramos ainda o cristianismo florescente no celeste império. Nessa época havia um arcebispo em Pequim, com sete bispos sufragâneos espalhados pelas províncias, onde se contavam numerosos fiéis.[11]

Notas

[1] *Chronicon Paschale*, t. II, p. 138; e Barônio, no mesmo lugar. No século XVI, nossos missionários ainda encontraram numa parte das Índias os cristãos de são Tomé.

[2] No Concílio de Niceia, em 325, um dos patriarcas que ali tomaram assento trazia o título de Patriarca da Grande Índia.

[3] Ver o padre Trigault, jesuíta, *Hist. de l'expédition chrétienne de la Chine*, liv. I, p. 191, ed. in-12, Paris, 1618.

[4] *Causa primatus sedium ex prioritate temporum desumitur, quibus eorum fundatores patriarchae vixerunt.* Assemani, t. III, p. 346.

[5] Trigault, no mesmo lugar, p. 192.

[6] Notemos que a cidade que acaba de ser nomeada foi durante séculos a capital da China.

[7] «Luminoso» é sinônimo de cristão.

[8] O missionário.

[9] O império estava então dividido em dez grandes províncias.

[10] Ver a tradução da inscrição de Si-Ngan-Fou pelo sr. Thiersaint, cônsul francês na China, 1 vol.

[11] Trigault, citado acima.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:25 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin